

Resenhas

Você Não Sabe o Que é Feminismo!¹

Jaciara Veiga*

O livro de Stella Anderson, a começar pelo título, *Crítica ao Feminismo: a ideologia feminista como prisão feminina*², já provoca (para a grande maioria de seus leitores) certo estranhamento. Como assim “crítica ao feminismo”; “prisão feminina”? Uma mulher criticando o feminismo? O feminismo não é uma arma de luta em prol da libertação das mulheres? Esta é a imagem hegemônica que se tem acerca do feminismo, tanto nos meios acadêmicos e políticos, dentre as celebridades, nos meios oligopolistas de comunicação, chegando às representações cotidianas. Apesar do feminismo geralmente ser reconhecido como um instrumento de libertação das mulheres, a autora, com coragem e ousadia - em tempos como o nosso, o escracho é um risco - realiza uma crítica radical ao mesmo, demonstrando seus limites e vínculos com o pensamento burguês. Sua tese de que *o feminismo é uma prisão ideológica para as mulheres ao invés de ser um instrumento de libertação*, é polêmica e bastante instigadora, sobretudo para aqueles cujo compromisso é com a verdadeira libertação das mulheres, e de toda a humanidade.

Esta obra que aqui resenhamos, certamente, está na contramão do discurso apresentado pelas feministas e seus reprodutores. Stella nos apresenta uma reflexão sobre o feminismo e suas ideias básicas, fundamentada na realidade e, desta forma, demonstra o porquê ele é um obstáculo a ser superado pelas mulheres. O livro, que está dividido em três capítulos: *O feminismo e a imagem da mulher; A ideologia da guerra dos sexos; A libertação da mulher*, assume grande importância para a luta das mulheres, uma vez que revela aquilo que o feminismo insiste em ocultar - a condição de subordinação da mulher

¹Resenha do livro “Crítica ao Feminismo: a ideologia feminista como prisão feminina”, de Stella Anderson.

*Mestre em sociologia pela Universidade Federal de Goiás; doutoranda em sociologia na Universidade Federal do Paraná. Autora do livro “O Significado do Feminismo: movimento feminino e ideologia” (Goiânia: Edições Redelp, 2022).

²ANDERSON, Stella. *Crítica ao Feminismo: a ideologia feminista como prisão feminina*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021.

não é produto da “maldade inata dos homens” (do “patriarcado”), mas sim do conjunto das relações sociais, isto é, é um produto social e histórico.

No primeiro capítulo, a autora trata da imagem reducionista da mulher, criada e propagada pelo feminismo: de um lado, uma imagem da mulher apenas em sua diferenciação com o homem, nunca em sua semelhança; do outro, apresenta semelhanças entre todas as mulheres, mas nunca suas diferenças. A mulher aparece sempre como um ser oprimido e subjogado, que se relaciona com o ser masculino, opressor e dominador e, por conseguinte, seu problema é reduzido às suas relações com os homens. Desta forma, o feminismo propõe soluções ilusórias (cotas, ocupação em cargos de poder etc.) que supostamente as tornariam “iguais” aos homens. As políticas compensatórias, a representatividade (presença feminina em vários espaços da sociedade) aparecem como bandeira de luta pela transformação da situação das mulheres.

No discurso feminista, o conjunto das relações sociais, independentes da vontade das mulheres (e dos homens também), tal como a dura realidade do trabalho alienado, submetido ao controle, exploração, dominação, é deixada de lado, dando lugar à centralidade das relações entre os sexos, onde a mulher aparece sempre como a vítima. E isso não permite que as mulheres superem a ideia de que o problema é o homem, ou os homens em geral.

Em síntese, o feminismo criou uma imagem da mulher. É uma imagem invertida, logo, é uma falsa mulher. A mulher real tem corpo, tem necessidades específicas como mulher e necessidades humanas compartilhadas com os homens, estão submetidas (tal como os indivíduos do sexo masculino), à determinadas relações sociais, estão envolvidas num mundo cultural existente, entre diversos outros elementos. A imagem da mulher criada pelo feminismo é a de competidora que está sendo vítima por perder a competição. É uma concepção burguesa de mulher, criada, obviamente, por mulheres burguesas ou aspirantes/simpatizantes delas (ANDERSON, 2021, p. 28-29).

Essa imagem, fundamentada nas semelhanças entre as mulheres, e diferenciação entre mulheres e homens, acaba por gerar a ideologia da “guerra dos sexos” (tema do segundo capítulo do livro). Ao pregar a união, a unidade e a “sororidade” entre as mulheres (afinal, elas possuem muito em comum), todas deveriam lutar juntas contra sua situação de subordinação ao homem.

Nesse sentido, é possível pensarmos em unidade entre as mulheres? Sem dúvidas existe uma unidade entre nós mulheres, todavia, essa unidade é relativa. Ao lado da

unidade, existem, pois, diversas diferenças (raça, religião, etnia etc.) que nos dividem. E no meio destas diferenças, existe uma que se destaca, a diferença de classe. Esta, por sua vez, é a mais ampla e gera várias outras (modo de vida, costumes, cultura, relação com os homens), sendo a mais importante por causa da condição de classe e dos interesses de classes. Os interesses de classe de uma mulher burguesa diferem dos interesses da mulher intelectual e camponesa; e estes em relação aos interesses da mulher proletária, são antagônicos, embora nem sempre sejam evidentes. Para que exista unidade entre as mulheres, é preciso superar a mais importante de todas as diferenças, que é a de classe social.

A ideologia da “guerra dos sexos” é, portanto, falsa. Assim como não existe uma unidade entre as mulheres, não existe também unidade entre os homens (como as mulheres, eles possuem as mesmas diferenças entre si); a “ideologia da guerra dos sexos” é um subproduto da centralidade e isolamento das relações sociais entre os sexos realizados pelo feminismo, que não só coloca “os dois lados em conflito, mas aponta um que seria o melhor, o bem, o injustiçado, a vítima, e o outro como o pior, o mal, o injusto, o malfeitor” (ANDERSON, 2021, p. 65). Obviamente que a relação entre homens e mulheres, em nossa sociedade, é conflituosa, porém, esta é uma questão complexa e que remete a problemas sociais mais amplos, remete ao processo de exploração de classe e suas implicações.

O feminismo, ao desconsiderar o mundo complexo e multivariado das relações sociais, reduzindo o mundo a uma suposta oposição entre homens e mulheres, acaba gerando mais um problema e, à vista disso, falsas soluções que são, na verdade, obstáculos para se reconhecer os verdadeiros problemas e as verdadeiras soluções para a situação das mulheres na sociedade de classes.

É possível, deste modo, afirmar que o feminismo é um problema e não uma solução para a libertação das mulheres. O feminismo é uma ideologia vinculada ao pensamento burguês e com as concepções políticas burguesas. “O feminismo é, por essência, burguês” (ANDERSON, 2021, p. 53). Ao trocar a luta de classes pela luta entre sexos, propondo a solução da subordinação da mulher no interior do próprio capitalismo, o feminismo afasta a mulher da luta revolucionária, tornando-a, no máximo, uma reformista.

A única mudança proposta é na relação entre os homens e mulheres, geralmente nos quesitos que atingem os interesses das mulheres da burguesia ou das classes próximas. O que interessa é mudar algo da legislação, da cultura, ou conseguir espaços na gestão do capital ou

cargos burocráticos. A labuta diária da proletária, da trabalhadora doméstica, da camponesa, raramente são citadas ou trabalhadas, e quando isso ocorre é apenas em reivindicações de “melhorias”, ou seja, no plano reformista (ANDERSON, 2021, p. 54).

Se o feminismo não é a solução, mas apenas mais um problema a ser superado, como as mulheres poderão se libertar de sua prisão? Esta é a questão que norteia o terceiro e último capítulo da obra. Antes de qualquer coisa, é necessário entender que “a libertação da mulher é parte de um processo mais geral que é a libertação humana”, e que “não é possível conceber uma sem a outra” (ANDERSON, 2021, p. 89). Não é possível resolver os problemas das mulheres no interior do capitalismo. Nenhum reformismo, conquistas parciais, poderá libertar a mulher de sua prisão específica no capitalismo.

As reivindicações efetivadas pelas feministas são voltadas apenas para os seus “efeitos e nunca para suas causas”. Assim, a luta das mulheres deve ser para além do feminismo, deve almejar para além da “equiparação com os homens”, isto é, suas ações e reivindicações devem se entrelaçar ao objetivo final, que é a libertação de toda a humanidade, por meio da instauração de uma nova sociedade.

[...] a abolição da prisão feminina pressupõe a abolição da prisão geral. Logo, a libertação da mulher pressupõe a libertação humana, dos proletários, dos homens, das mulheres, das crianças, dos jovens, dos idosos, dos negros, entre todos os outros (ANDERSON, 2021, p.110).

O caminho para se chegar a isso passa pela superação de sua prisão mental, da qual o feminismo é uma das grades (p.134). Ademais, é fundamental o vínculo com o movimento revolucionário do proletariado, pois, somente desta forma, sua luta pode “ganhar um real significado revolucionário e emancipador” (p.116). A luta específica, e desarticulada das demais lutas de outras parcelas da sociedade (lutas radicais juvenis, urbanas, estudantis etc.) efetivada pelo feminismo é ilusória, uma vez que, não gera de fato a emancipação das mulheres. O feminismo deve ser criticado e abandonado. Ele deve ser superado, o que não significa abandonar a luta feminina, sobretudo a luta das trabalhadoras e revolucionárias.

O movimento das mulheres, sua luta em geral, não pode ser confundido com o feminismo³. A autora é categórica em sua conclusão: a libertação da mulher pressupõe a superação do

³O feminismo é uma ideologia que se constitui como uma ramificação do movimento feminino, ou seja, é parte dele, e não ele todo.

feminismo. E ainda, a verdadeira emancipação das mulheres requer a abolição completa e total do capitalismo e a instituição de uma sociedade radicalmente diferente, a sociedade autogerida.

Texto aprovado para publicação em 14 de maio de 2022.